

Condecoração para
'Comandante' em
festival sérvio



PÁGINA 3

Vem aí mais
uma edição do
Casabloco



PÁGINA 6

Cancioneiro
de Fábio Jr.
inspira musical



PÁGINA 7

2º CADERNO

Divulgação



A versão brasileira da série
'Tulsa King' trouxe um ator
incompatível com o tradicional
vozeirão de Sylvester Stallone

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Golaço da cultura latino-americana em nossas terras, a exposição sobre o legado do seriado humorístico "Chaves", no MIS Experience, em São Paulo, diariamente lotada, dedica um trecho substancial (e comovente) de seu acervo à dublagem nacional do programa de Roberto Gómez Bolaños (1929-2014), o Chavinho em pessoa. Feita pela cooperativa Maga, de Marcelo Gastaldi (1944-1995), para a TVS (hoje SBT), no início dos anos 1980, a "versão brasileira" do programa reuniu talentos da arte de interpretar apenas com a voz. Por lá passaram Carlos Seidl (o Seu Madruga); Marta Volpiani (Dona Florinda); Helena Samara (D. Clotilde, a Bruxa do 71); Sandra Mara Azevedo (Chiquinha, depois confiada à atriz Cecília Lemes); Nelson Machado (Quico); Potiguar Lopes (Professor Girafales, depois encampado por Osmiro Campos); e Mário Villela (Seu Barriga e Nhonho). O próprio Gastaldi interpretava Chaves em português, adaptando do espanhol mexicano bordões como "Isso! Isso! Isso!" e "Ninguém tem paciência comigo". Quando o MIS resgata talentos como o dele e sua equipe, com fotos e arquivos de som, o que o museu promove é um tributo

Divulgação



Uma grita se deu na web com a notícia de que Hélio Ribeiro não foi chamado para dublar Robert De Niro

Divulgação



O desempenho antológico de Mário Jorge fazendo a versão brasileira de Travolta sumiu na redublagem de 'Grease'

Respeito, uma palavra a ser dublada

A dublagem nacional mobiliza as redes sociais em campanha contra a substituição de elencos por softwares de voz



'Beekeeper' ganhou o aporte de Armando Tiraboschi como a voz brasileira de Jason Statham



Dublagem de Chaves é homenageada em exposição no MIS de São Paulo

a um tempo no qual a invenção artística não recorria a softwares como os ChatGPTs da vida, que hoje são usados com desculpa de economia. De tempo, de custos com pessoal.

Mas o capitalismo não contava com a astúcia da classe de dubladoras e dubladores do Brasil, que está reagindo, com voracidade, nas redes sociais, ao sua "androidificação", numa troca de gente de carne e osso por "elencos" virtuais. O público está aderindo bem à causa, com razão.

Talentos GG do setor como Miriam Ficher (que dubla Nicole Kidman); Nizo Neto (intérprete de Daniel LaRusso, em "Cobra Kai"); Priscila Amorim (sempre ouvida nas versões nacionais de Jessica Chastain); Raul Labanca (o Eddie de "Game of Thrones") e o imparável (que bom, aliás!) Márcio Simões (o Gênio de "Aladdin") soltaram o verbo no Instagram no fim de semana. Essa trupe usa o pleito "Eu quero a dublagem viva".

Na internet, o #dublagemviva pode conduzir internautas à campanha. Wendel Bezerra, genial dublador do Bob Esponja, postou um vídeo em sua conta do Instagram fazendo um precioso resumo do caso. Trocar artistas por construtos digitais é desumanizar uma prática artística, além de ser um convite ao desemprego.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Divulgação

*'Oppenheimer' volta ao circuito comercial*

Embalado, 'Oppenheimer' volta às salas de exibição

Depois de obter 134 indicações na corrida pelo Oscar 2024 - incluindo melhor filme, melhor diretor, melhor ator (Cillian Murphy), melhor ator coadjuvante (Robert Downey Jr.) e melhor atriz coadjuvante (Emily Blunt), melhor fotografia e melhor montagem -, o longa "Oppenheimer", de Chris Nolan, volta em cartaz nos cine-

mas brasileiros a partir desta quinta-feira (25). Com uma narrativa potente, o diretor resgata a ascensão e queda do físico novaiorquino inventor da bomba atômica lançada sobre duas cidades japonesas durante a II Guerra Mundial. A produção já arrecadou mais de U\$ 900 milhões em bilheteria desde seu lançamento.

Inconformado

Ryan Gosling está feliz com sua indicação ao Oscar como melhor ator coadjuvante por sua atuação em "Barbie", mas não se conforma com o fato da colega Margot Robbie e a diretora Greta Gerwig ficarem de fora da corrida pelas estatuetas.

Inconformado II

"Não existe filme da Barbie sem Greta Gerwig e Margot Robbie, as duas mais responsáveis por este filme que fez história. Nenhum reconhecimento seria possível para qualquer pessoa no filme sem seu talento, coragem e genialidade", disse Gosling.

Hub musical

A Warner Music Group inaugurou na Barra da Tijuca o Warner Music Space, um hub artístico com zonas criativas, estúdios, lounges, diferentes estações de trabalho, um palco para apresentações acústicas e uma arena para eventos.

Retomada

A Netflix confirmou que vai lançar ainda em 2024 a segunda temporada da série "Round 6". A revelação foi feita por executivos da plataforma em mensagem enviada aos acionistas nesta semana e obtida pelo portal da revista Variety.

Divulgação

*A absurda redublagem de 'Karate Kid' (1984) apaga o legado de Magalhães Graça e de Cleonir dos Santos*

Uma peleja histórica da categoria

Divulgação

*Dubladores consideram inexplicável a escalação de Marcelo Pissardini para dar voz a Harrison Ford em 'Indiana Jones e a Relíquia do Destino'*

Essa batalha dos dubladores contra as vozes de aplicativo é parte da peleja histórica. Dublar é padecer no paraíso da excelência, da alfabetização audiovisual do Brasil, mas, também é sofrer preconceitos e falta de respeito profissional.

Sucessos de bilheteria dos EUA na atualidade, o thriller "Beekeeper - Rede de Vingança" ganhou o aporte de Armando Tiraboschi como a

voz brasileira de Jason Statham, em desempenho de interpretação vocalizada memorável. Tiraboschi é um gigante do setor e sempre dubla Statham e Liam Neeson. Eles são seus "bonecos". O termo é o jargão para a recorrente correspondência entre artistas do Brasil e os hollywoodianos e de outros países. Contudo, recentemente, Neeson falou por aqui com outros gogós. Statham também. A troca não foi um desejo de Tirabos-

chi, e isso gerou ruído. Outra grita se deu com a notícia de que Hélio Ribeiro não foi chamado para dublar Robert De Niro (seu "boneco" há três décadas).

Em 2023, Guilherme fez um trabalho esplendoroso como Russell Crowe em "O Exorcista do Papa" e, pelo que se registra costumeiramente, seu trabalho é notável. O que está em questão aqui não é seu talento, mas, sim, a desconexão de Hélio com De Niro, uma traição histórica para com os que apreciam (ou necessitam) da dublagem. Inclua aí a inexplicável escalação de Marcelo Pissardini (inegavelmente competente) para dar voz a Harrison Ford em "Indiana Jones e a Relíquia do Destino". No Brasil, Guilherme Briggs e Garcia Júnior são os titulares de Ford.

Em 2022, ouviu-se uma incomoda dublagem na série "Tulsa King". Sua versão brasileira trouxe um ator incompatível com o vozeirão de Sylvester Stallone. Tal escolha desconsiderou a conexão de Luiz Feier Motta, dublador primoroso, ao eterno Rambo. A grita foi tanta que Feier foi convocado.

Existe ainda outro perigo, chamado "redublagem", a opção de certos estúdios em substituir versões que se tornaram clássicas por novos elencos. Essa opção fez com que a antológica dublagem de "Os Embalos de Sábado à Noite" (1977) - na qual Mario Jorge dava provas de ser um dos mais talentosos atores que esta nação já conheceu - fosse substituída por uma releitura que não se destacou nos tímpanos da gente. Houve o mesmo com a versão nacional de "Grease - Nos Tempos da Brilhantina" (1978).

Redublagens representam o apagamento de um trabalho da mais pura excelência. Redublar é o mesmo que alguém resolver mudar as tintas de um quadro de Portinari por acreditar que as pinceladas dele não se adequa aos princípios do olhar dos dias atuais. A absurda redublagem de "Karate Kid" (1984) apaga o legado de Magalhães Graça e de Cleonir dos Santos. É imperdoável esse dismantelo de uma atividade que nos deu tanto. Precisamos de pessoas dublando. Robôs, não. Dublagem é uma arte viva. Que ela dure.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Recuperando-se de todo o encantamento trazido por Matteo Garrone e sua fábula chamada “Io Capitano”, o 17º Festival de Küstendorf, em solo sérvio, imerge mais uma vez nas águas do cinema italiano com a sessão de “Comandante”, na noite desta quarta-feira (24).

Anfibia, com os ouvidos voltados para o rock’n’roll e os olhos vidrados em filmes de autor, a maratona cinéfila e musical eslava, criada e mantida por Emir Kusturica (realizador e instrumentista coroado com duas Palmas de Ouro), consagrou um dos trabalhos mais ousados do ator Pierfrancesco Favino.

Conhecido aqui por “O Traidor” (2019), de Marco Bellocchio, no qual contracenava com Maria Fernanda Cândido, ele virou o astro de maior destaque da pátria de Marcello Mastroianni. “Temos um legado de respeito na filmografia da Itália que precisamos respeitar e reverenciar, sabendo seguir adiante apesar de tudo o que os gigantes de nosso país deram ao mundo”, disse Favino ao Correio da Manhã em entrevista no Festival de Berlim de 2023, quando a edição de “Comandante” acabava.

Que edição, aliás! Sua montagem assombra plateias, como os cultse clássicos italianos de outrora faziam. Quando quer resgatar a farta exuberância de que desfrutava entre 1945 e 1985, do neorealismo ao êxito mundial de Bud Spencer & Terence Hill, a Itália não deixa brecha pra rival algum superá-lo, como se vê agoea nas telas de Küstendorf, na projeção do estonteante “Comandante”. Exibido na abertura do Festival de Veneza, em setembro, e na Mostra de S. Paulo, o longa-metragem de Edoardo de Angelis (do premiado “Indivisibili”) recria a II Guerra Mundial sob os códigos de um filão de gênero que é um imã de sucesso, vide “Maré Vermelha” (1995) e “A Caçada ao Outubro Vermelho” (1990): os filmes de submarino. Mas seu maior cha-



Pierfrancesco Favino estrela o exuberante ‘Comandante’, de Edoardo de Angelis

Küstendorf condecora o cult ‘Comandante’

mariz é a atuação do romano Pierfrancesco Favino. Cabe a ele dar vida ao oficial militar Salvatore Todaro (1908-1942), famoso por seu humanismo no mar.

“Gosto muito de ver atores maduros, mais velhos do que eu, atuando, pois gosto de ver como eles lidam com a questão da aceitação do tempo, das escolhas, das renúncias, e ver como todo um percurso de vida passa a se materializar diante deles”, disse Pierfrancesco ao Correio da Manhã, na Berlinale, em fevereiro do ano passado, aplaudido com ardor pelo thriller policial “L’Ultima Notte D’Amore”, outro de seus sucessos recentes. “Gosto de levar a plateia a refletir”.

Visto ao lado de Tom Hanks (em “Anjos e Demônios”) e de

Filme italiano de submarino, ambientado na II Guerra, passa pelo festival sérvio ampliando o prestígio popular de Pierfrancesco Favino, um dos maiores astros da Europa hoje

Brad Pitt (em “Guerra Mundial Z”), Favino filmou no Rio em 2018. Parte de “O Traidor” - que brigou pela Palma de Ouro, há cinco anos - foi rodada em locações cariocas. Nele, Pierfrancesco encarna o mafioso Tommaso Buscetta (1928-2000), que viveu no Brasil.

“Maria Fernanda é uma atriz talhada para ganhar o mundo, sempre generosa em cena. Estivemos juntos num filme que passa um pedaço da História do meu país em revista e há muito que a gente não sabe. É importante estar em filmes que revisitam de onde viemos”, disse Favino, num papo em Botafogo, no set de Bellocchio.

Dois anos depois, em 2020, em meio à pandemia, ele foi laureado em Veneza, por um júri

presidido pela atriz australiana Cate Blanchett, com o troféu Copa Volpi de Melhor Ator por sua atuação em “Irmãos à Italiana”. Pode ganhar novos prêmios por “Comandante”. O enredo (bem) filmado por Edoardo de Angelis se passa em 1940, quando Salvatore Todaro comandava o submarino Cappellini, da Marinha Real Italiana. Numa noite, enquanto atravessava as águas do Atlântico, ele se depara com um navio mercante belga armado navegando de luzes apagadas. Todaro ataca a embarcação, que acaba afundando. Nesse momento, o comandante toma uma decisão que estava destinada a entrar para a História: salvar os 26 tripulantes do navio. Para abrir espaço a esses homens, ele é obrigado a navegar na superfície durante três dias, tornando-se visível às forças inimigas. O roteiro, cheio de tensão, é uma ode à resiliência e à solidariedade.

“Gosto de histórias nas quais os personagens encaram o medo de perder”, diz Favino, na ativa desde 1993. “Quando se é ator profissional, você opera o tempo todo com máscaras de representação, mudando signos de si mesmo”.

O Festival de Küstendorf segue até sábado. Sua seleção competitiva oficial deste ano reúne uma série de curtas-metragens de diferentes cantos do planeta. O programa inicial reúne: “I Promise You Paradise”, de Morad Mostafa; Hikuri, de Sandra Ovilla León; “On The Silk Road”, de Sherzod Nazarov; “Silhouette”, de Savva Dolomanov; “Duck Roast”, de Jelica Jerinic; “Violet Country”, de Mikhail Gorobchuk. O segundo programa inclui “Lemon Tree”, de Rachel Walden; “Short Cut Grass”, de Davi Graso; “Bye, Bye Bowser”, de Jamin Baumgartner; “The Last Shift”, de Askr Unaev; e “9-5”, de Masa Sarovic. Já o último bloco das curtas traz “Highway of a Broken Heart”, de Nikos Kyritsis; “Madden”, de Malin Ingrid Johansson; “mise à nu”, de Simon Maria Kubiena e Lea Marie Lembeke; “Shanti”, de Vivek Rai; “Only The Devil Hates Water”, de Lidija Mojsovska; e “The Creature”, de Damian Kosowski.

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Previsto para estreiar na Paramount+ no dia 11 de fevereiro, “Missão: Impossível - Acerto de Contas - Parte 1” (“Mission: Impossible - Dead Reckoning Part One”) ganhou uma sobrevida ao ser indicado a dois Oscars (Melhor Som e Melhores Efeitos Visuais), elevando o cacife de um filme que impressionou a crítica, mas faturou menos do que o esperado.

Coração da franquia, Tom Cruise, seu protagonista e produtor, chegou a adiar a parte dois, hoje esperada para 2025, alegando que contratemplos inerentes às graves dos sindicatos de atrizes/atores e de roteiristas prejudicou o cronograma. O fato é que os US\$ 567 milhões arrecadados pela parte sete de uma saga iniciada em 1996 ficaram aquém do esperado pelos exibidores. A colisão com “Barbenheimer” – o lançamento casado de “Barbie” e de “Oppenheimer” – esvaziou as salas onde Cruise esperava reinar soberano. Mas, o prestígio que ele alcançou com o regresso do agente Ethan Hunt é inexorável, e, com a chegada ao streaming, o longa vê seu cacife subir. É uma brilhante revisão dos códigos das narrativas de espíões. Foi a Guerra Fria, entre os anos de 1950 e 1980, que transformou o ofício por vezes “oficioso” da espionagem em um gênero cinematográfico de viés pop, seja por trilhas de tons super-heroicos (caso de “007”) ou por caminhos existencialistas (o oscarizado “A Vida dos Outros” ou o ganhador da Palma de Ouro de 1974, “A Conversação”). Esse veio sempre explorou bem os feitos de pessoas invisíveis infiltradas em espaços onde chegam como parasitas. O parasitismo é uma sensação já há muito superada por Ethan Hunt, um mestre em disfarces encarnado por Tom Cruise há 28 anos. Ele só não supera o fato de não conseguir proteger as pessoas à sua volta como deveria e gostaria, no empenho de dar ao mundo a



Tom Cruise ensaia uma sobrevida para o mais novo thriller da franquia, lançado em 2023, no streaming

‘Missão Impossível’ acerta contas com a fama

Apesar de sua bilheteria não ter correspondido ao que Tom Cruise esperava, o novo longa da franquia prepara sua estreia na Paramount+ celebrando suas duas indicações ao Oscar

segurança adequada.

Desde 2006, quando J.J. Abrams dirigiu o terceiro capítulo da franquia “Missão: Impossível” – título usado para designar a agência secretíssima da qual o personagem é o principal operativo –, Ethan sente o peso desse fardo, incapaz de sublimar a arte da perda. A beleza de “Acerto de Contas - Parte 1”, além de todo o arrojo técnico de sua narrativa, é saber explorar as camadas mais íntimas de um homem que salvou o mundo muitas vezes, sacrificando muito de si para isso. De toda a cinessérie, este sétimo episódio, filmado em meio à pandemia, ao custo de US\$ 290 milhões, é o que mais se aproxima da exuberância (e do humanismo) do primeiro filme, que teve um diretor autoralíssimo, Brian De Palma, como condutor. Quem conduz as peripécias de Cruise (em impecável atuação, bem dublada aqui por Philippe Maia) é Christopher McQuarrie, um cineasta em formação, que,

ao contrário do magistral De Palma, vem da palavra, da força da escrita, tendo conquistado o Oscar de Melhor Roteiro por “Os Suspeitos”, há três décadas. Ele e o astro trabalham juntos desde o subestimado “Operação Valquíria” (2008) e estiveram juntos no fenômeno popular “Top Gun: Maverick”, em 2022.

Filme a filme os dois travam uma parceria que, na telona, expressa-se a partir de uma investigação do mito do herói, pautada por uma expedição existencial ao que o arquétipo do “vigilante” ou do “guardião” tem de mais doído – e de mais particular –, em meio à força que os impele.

No roteiro de “Missão” n. 7, há um resquício vivo (e perigoso) do passado de Ethan, o terrorista Gabriel (vivido pelo nova-iorquino de origem porto-riquenha Esai Morales), tentando domesticar uma forma de IA (inteligência artificial) capaz de influir nos sistemas de defesa do mundo. Gabriel

parece se encaixar no pior tipo de braço armado do terror que há: aquele que não faz exigências. Isso, aparentemente. Conhecido por Hollywood desde “La Bamba” (1987), Morales consegue um holofote dos mais luminosos para desfilhar uma vilania que nos assusta, mas traz consigo um grau de humanismo difícil de ser rotulado. Aliás, rótulos dos mais diversos são desfolhados e descartados no trabalho de McQuarrie para colocar em pauta os riscos inerentes à autonomia intelectuais dos sistemas operacionais e para abrir um debate sobre quais são as “agências” reguladoras do Mal que agem nas sombras da vida, no jogo da morte. Jogo no qual Ethan – aqui no apogeu de sua evolução dramática – é um craque. Formalmente, numa edição que se dilata ao longo de duas horas e 43 minutos, o realizador não deixa que nenhum minuto pareça desperdiçado (nem gorduroso), oferecendo ao público combates trincados de adrenalina, desafios às leis da aerodinâmica e uma sequência num trem para ficar para a posteridade. Em tempos pós “John Wick”, quando a saga estrelada por Keanu Reeves devolveu ao audiovisual o sabor da cinematografia (o movimento puro), Cruise se adapta como ninguém às demandas das novas gerações. Com o carisma a mil, Morales faz de Gabriel um vilão antológico.

Uma voz que se atira ao risco

Por Affonso Nunes

Regravar canções eternizadas na voz de Elis Regina pode ser um desafio intransponível para muitos artistas. Seja pela voz privilegiada ou por sua capacidade interpretativa, Elis se colocou numa prateleira altíssima, por vezes inatingível. Ainda assim Darwin Del Fabro - cantor, ator, produtor e roteirista - topou o desafio em “Darwin Del Fabro Revisitando Elis Regina”, seu álbum de estreia, que chega às plataformas digitais nesta sexta-feira (26).

O Correio da Manhã teve acesso ao álbum e comprovou a sensibilidade do trabalho que teve produção e direção musical a cargo da pianista e arranjadora Delia Fisher, conferindo ao álbum momentos de delicadeza e devoção. Artista não binário e gaúcho como Elis, Darwin se entrega as canções e cria um universo só seu em cada registro, talvez tentando nos desvencilhar das óbvias referências que cada canção gravada por Elis nos traga. Mas também por reverência, pois não é preciso recorrer a simulacros ou imitações para celebrar quem nos influencia.

“Elis me ensinou a ser dono de mim. A ser livre. Me encantava aquela mulher que ia contra os padrões da época, era baixinha, de cabelo curto, se parecia um pouco com um menino, sendo uma menina. Era delicada, mas também bruta. Tudo ao mesmo tempo”, comenta Darwin.

A escolha de revisitar canções clássicas na voz de Elis está intimamente ligada ao desejo de Darwin de se reencontrar, oito anos depois de mudar-se para Nova Iorque. “Voltei para redescobrir o meu amor por um Darwin que eu havia deixado lá atrás, e abraçá-lo. Sabia que queria falar das minhas experiências e descobertas como não binário nessa volta ao Rio. Nada mais propício do que levantar minhas questões através dessas canções, repaginando o sentido de cada uma segundo as minhas perspectivas de lugar e momento. Volto à minha língua materna cantando su-

Cantor e ator de musicais, Darwin Del Fabro assume o desafio de gravar em seu álbum de estreia 10 canções eternizadas por Elis Regina

cessos da melhor cantora que passou por essa esfera”, explica.

A direção musical e a produção musical de “Darwin Del Fabro - Revisitando Elis Regina” são de Delia Fischer, pianista, cantora e arranjadora, premiada pela direção musical de montagens como a que trouxe Elis de volta aos holofotes.

Delia arregimentou um time de músicos requisitados por grandes nomes da MPB, e sobre a sintonia entre os dois, Darwin comenta: “Delia é uma referência na música, artista na sua essência. Fora o talento, que todos vão apreciar no álbum, é de uma generosidade e escuta ímpar. Nunca me senti tão completo com um material, com a experiência e energia deixadas naquele estúdio. Foi mágico”.

Na voz de Darwin Del Fabro, canções como “Atrás da Porta”, “O bêbado e a equilibrista”, “Casa no Campo”, “Alô, alô, Marciano” e “Tatuagem” ganham novos contornos. No lugar da explosão de Elis Regina, o intérprete busca sublinhar o texto, as histórias contadas nas canções: “Nas minhas leituras das músicas escolhidas para o álbum, me peguei descobrindo gêneros, gerações e até palavras que hoje colidem com mais força com o meu novo ser. Sussurro na esperança de que o tempo pare e escute ‘que o novo sempre vem’, como diz a letra de ‘Velha roupa colorida’. Quero passar a minha mensagem forte com delicadeza. Estou cantando perto de você, no seu ouvido”, afirma.

Divulgação



Divulgação



Darwin del Fabro: ‘Nas minhas leituras das músicas escolhidas para o álbum, me peguei descobrindo gêneros, gerações e até palavras que hoje colidem com mais força com o meu novo ser’

O talento de Darwin Del Fabro para as artes despontou muito cedo, ao vencer um concurso de canto aos 3 anos de idade. Depois vieram os estudos de teatro, canto, literatura portuguesa, ballet contemporâneo.

Referência na cena do teatro musical no Brasil (como ator, criador, produtor e diretor), a biografia artística de Darwin inclui projetos para o cinema, TV, além de três EPs já lançado, dois deles dedicados ao cancionista de Tom Jobim: “Revisiting Jobim”, partes 1 e 2, relendo obras imortais de Tom como “Wave”, “Off-Key” (Desafinado) e “Water to drink” (Água de beber), entre outras.

Em 2016 fez sucesso nacional na TV brasileira como Collete D’Or em “Ligacoes Perigosas”, série estrelada por Patricia Pillar e

Selton Mello, na TV Globo. Antes de mudar-se para Nova York, participou da novela “Novo Mundo” (2017), também na Globo, como Castrato.

Nos Estados Unidos recebeu ótimas críticas por sua atuação em “Real”, no Tank Theatre. Na mesma cidade, estrelou “The Feather Doesn’t Fall Far From The Tree”, como Adam, no Signature Theatre, e como o Puck de “Sonho de uma noite de verão”. Como músico estreou no clube 54 Below com o show “Darwin Del Fabro em NY”, com ingressos esgotados, cantando canções de Tom Jobim e Frank Sinatra.

Darwin é um dos protagonistas do filme slasher LGBTQIA+, “They/Them”, do canal de streaming Peacock.

Bel Acosta/Divulgação



Rita Fernandes: 'Fui na profundidade no assunto, levando tudo muito a sério e havia o meu amor pelo carnaval'

Quando todos os carnavais do Brasil se encontram

Idealizado pela jornalista e produtora Rita Fernandes, o CasaBloco reúne no MAM a diversidade da folia realizada nas mais diversas regiões do país

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Rita Fernandes é a pessoa que merece um enredo na Avenida. Líder e agregadora do movimento que reviveu o carnaval de rua no Rio, Rita é jornalista e pesquisadora de carnaval, com mestrado em Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas. Uma das fundadoras do Bloco Imprensa Que Eu Gamo e presidente da Sebastiana - Associação de Blocos

de Rua, desde 2004, é a grande referência em conhecimento, agitação e realização do carnaval raiz do Rio.

E do Brasil, na verdade. Autora do livro *Meu bloco na rua*, demonstra como se deu a retomada carnavalesca na década de 1980 – acompanhando os movimentos de reabertura política – e conta por que a história da maior festa popular do mundo é também um elogio à liberdade

Mãe de Lucas e João, Rita Fernandes é idealizadora e diretora geral do CasaBloco que, anualmente,

faz uma imersão pelos diversos carnavais do Brasil, visitando cidades de norte a sul e trazendo para o Rio novas histórias, ideias, cores, timbres e tambores. Assim começa a tomar forma a CasaBloco, evento que ela define como “uma experiência carnavalesca única”. E completa: “O Rio é o grande anfitrião de um Brasil plural! Nossa proposta é que o folião embarque em uma imersão carnavalesca única, diferente, completa, passando pelo universo dos blocos, dos maracatus, do samba, da moda, do cinema, da

gastronomia, além de oficinas e rodas de conversa.

E Rita recorda a naturalidade sobre como aconteceu o seu envolvimento no Carnaval. “Cheguei a diretora executiva de multinacional de comunicação, diretora da minha própria empresa e quando me envolvi com carnaval de rua já trazia em mim esse tipo de liderança. Então foi natural mesmo, fui ocupando os espaços. Fui na profundidade no assunto, levando tudo muito a sério e, acima de tudo, havia o meu enorme amor pelo carnaval. Então a mistura disso deu certo: gostar demais da coisa e ter um senso de responsabilidade e envolvimento com o que está diante de mim. Conta ainda que não tinham outras lideranças, fui abrindo esse caminho

e da minha personalidade. Tenho ascendente em Áries e sou filha de Yansã.”

Por conta dessa visão abrangente de Rita, o CasaBloco chega ao Museu de Arte Moderna (MAM) em sua quinta edição. É onde os Carnavais do Brasil vão se encontrar com shows musicais, apresentação de blocos, intervenções, moda, cinema, gastronomia e rodas de conversa. E antes de desembarcar no Rio, o evento aconteceu nos últimos dias 13 e 14 no pré-carnaval de Olinda (PE).

A abertura do evento será nesta quinta-feira (25), às 14h, com a realização de oficinas, roda de conversa com Leandro Vieira e Marcio Debelliam, mostra de cinema, feira de moda e gastronomia e da lavagem com os Filhos de Gandhi. A programação diurna será totalmente gratuita.

Na sexta-feira é dia de misturar os carnavais de Rio, Pernambuco e Bahia. vai ter Cordão do Boitatá, Lenine & Spok, Alceu Valença e Timbalada, misturando os carnavais mais expressivos do Brasil. E os DJs Cyro (RJ) e Lala K (PE) levam o melhor da música brasileira à pista da CasaBloco.

Sábado, diretamente de São Paulo, chega o Bloco Ritaleena, com os maiores sucessos de Rita Lee, a rainha do rock. Na sequência, tem Fernanda Abreu que convida Sandra Sá. O romantismo toma conta do festival com uma sequência de tirar o fôlego: Ferrugem, Sidney Magal e o bloco Fogo & Paixão. E domingo é dia de samba, mas também da criançada. A festa começa com o Carimbaby, trazendo o melhor do carimbó; Bloco Gravata Florida e a potente roda de samba do Terreiro de Crioulo, com seus atabaques. No palco principal, Cacique de Ramos e Marcelo D2 conduzem a um mergulho pelo samba de raiz e muito carnaval.

SERVIÇO

CASABLOCO
Museu de Arte Moderna
MAM (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo) | De 25 a 28/1
Ingressos a partir de R\$ 100 (meia entrada solidária)

Inspirado no cancionero do cantor e compositor, musical trata das várias facetas de um relacionamento

A paixão, sob a ótica de Fábio Jr.

Depois de duas temporadas com grande sucesso de público e de crítica, a comédia musical “As Metades da Laranja - Um Musical com as canções de Fábio Jr.” chega ao Teatro Prio para a Festa da Comédia Carioca com apresentações nesta quinta-feira (25) e no 1º de fevereiro, às 20h.

Vencedor do Prêmio Prio do Humor nas categorias “Melhor Espetáculo” e “Melhor Direção”, o espetáculo conta a história de um casal e reflete sobre relações amorosas, abordando a paixão, bem como amores abusivos, com a trilha sonora ao fundo de Fábio Jr.

Esta é a primeira peça escrita, dirigida e auto-produzida por Tauã Delmiro, artista inspirado por outros projetos que tinham como objetivo aproximar o espectador das memórias mais emotivas e afetivas de suas vidas.

“Em 2019, eu estava encerrando minha participação em um projeto inteiramente cantado. Eram dois espetáculos com músicas populares, tanto nacionais quanto internacionais, e comovia ver o envolvimento da plateia com essas canções, a relação de nostalgia, de afetividade”, conta. “Então, eu sabia que queria produzir meu primeiro musical independente com músicas que já existiam e que despertassem nas pessoas essa mesma sensação que eu via na plateia. Conversando com um amigo, me lembrei das canções do Fábio Jr. que, efetivamente, ultrapassam gerações e que me tocam de uma maneira muito pessoal e topei o desafio de



Divulgação

Tauã, Analu e Victor estão no elenco do musical movido a canções de Fábio Jr.

tentar escrever uma dramaturgia de humor a partir dessas canções”, detalha Tauã, que divide a cena com Analu Pimenta e Victor Maia.

O espetáculo conta a história de amor do casal Dom e Linda embalada por canções como “Alma Gêmea”, “Pai” e “Só Você”. Dom é um romântico de carteirinha e essa experiência chega ao ápice quando ele conhece Linda. Ao longo da narrativa, a paixão que sente por ela vai alimentando também o ciúme, que se potencializa com a chegada de seu misterioso irmão gêmeo. A trama melodramática reflete sobre amores tóxicos e é permeada por revelações que conduzem o espectador a um final surpreendente.

Encenar uma peça considerada uma comédia-musical sobre amores abusivos e tóxicos não é uma tarefa fácil. Tauã explica sobre como foi o desafio ao longo do processo de produção de “As Metades da Laranja”. “Os desafios são diversos, mas o principal é que eu sou um artista, produtor e estou me auto-produzindo. Nós, artistas, principalmente do teatro musical, não temos a cultura de desenvolver essas habilidades de produção e colocar um trabalho autoral e subjetivo em cena. Para além disso, a parte mais desafiadora em fazer um espetáculo de humor é entender como o público vai se relacionar com o texto e a proposta cênica, e como ele é toca-

do ao longo da feitura do espetáculo, que só termina no encontro com a plateia”, reforça.

Delmiro entrou para a lista “Forbes Under 30” como um dos jovens que mais impactaram no setor das artes dramáticas em 2021. Já integrou o elenco de musicais como “Barnum - O rei do show” (2022), “A vida não é um musical” (2022), “Madagascar - Uma Aventura Musical” (2021), “70? - Doc. Musical” (2019) - pelo qual recebeu sua primeira indicação ao Prêmio Cesgranrio 2022 - e “60! Década de Arromba” (2016). Em 2023, Tauã Delmiro foi selecionado como “Melhor Autor” no Prêmio APTR 2023.

Esta temporada de “As Metades da Laranja” na Festa da Comédia Carioca terá como novidade a presença de convidados relevantes da cena do humor do Rio de Janeiro. Nas temporadas passadas e nesta, um Fábio Jr. fictício aparece.

Desde a década de 1960, o cantor, compositor e ator Fábio Jr. faz parte da cena da música popular brasileira. Ele começou sua carreira com seus irmãos em uma banda, no auge da Jovem Guarda, se apresentando em programas de TV, como do Chacrinha. Em 1971, se lançou em carreira solo, gravando canções em inglês, com pseudônimos como Uncle Jack e Mark Davis. Na transição para o cantor em português, escolheu o nome artístico Fábio Jr. Depois, estreou em novelas, como “Nina” (1977), na Globo, “Ciranda Cirandinha” (1978), “Cabocla” (1979), “Água Viva” (1980), “O Amor é Nosso” (1981), “Roque Santeiro” (1985) e “Pedra Sobre Pedra” (1992). No final da década de 1990, começou a focar na carreira musical. O cantor coleciona sucessos como “Pai”, “Alma Gêmea”, “Só Você”, “20 e Poucos Anos” e “Caça e Caçador”.

Ao todo, são 16 canções clássicas de Fábio Jr. cantadas ao vivo pelo trio e tocadas ao piano pelo diretor musical Tony Lucchesi, que também produziu arranjos vocais e orquestrações originais. “A parte mais legal do espetáculo ‘As Metades da Laranja’ é atingir diferentes públicos. As músicas do Fábio Jr. ultrapassaram gerações. Temos um público entre 40 e 70 anos, que vem para contemplar a obra do artista, assim como, um público mais jovem, que vem para desfrutar da dramaturgia do musical, elaborada pensando na relação com a contemporaneidade”, afirma o diretor.

SERVIÇO

AS METADES DA LARANJA - UM MUSICAL COM CANÇÕES DE FÁBIO JR

Teatro Prio (Av. Bartolomeu Mitre, 1110 - B, Jockey Club Brasileiro, Leblon)
25/1 e 1/2, às 20h
Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha